SMEETS, Ineke (2007). *A grammar of Mapuche*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter. Pp.xx+587. Inclui 1 CD-ROM. ISBN-13 978-3-11-019558-3. Cloth. • 138. 32.

Eis uma descrição abrangente da língua mapudungun ou mapuche (também conhecida como araucano) falada no território mapuche, em volta da cidade de Temuco, província de Cautín, Chile. Essa obra é fruto da versão ampliada e revista da tese de doutorado da pesquisadora Ineke Smeets, apresentada na Universidade de Leiden, em 1989, com base na pesquisa de campo desenvolvida entre os anos de 1977 e 1981.

A obra está organizada em nove partes: 1) Introdução, 2) Fonologia e morfofonologia, 3) Morfologia e morfossintaxe do nome, 4) Sintagma nominal e sentenças nominais, 5) Morfologia e morfossintaxe do verbo, 6) Partículas, 7) Notas adicionais sobre a sintaxe, 8) Textos e 9) Dicionário mapuche-inglês.

Na parte 1, Introdução, são inseridos os capítulos 1 a 3. Os temas abordados dizem respeito à etno-história mapuche, à língua e à gramática escrita pela autora. Como lembra Smeets, a maioria dos Mapuche vive no Chile, em uma área que se estende pelo rio Bío-Bío (lat. 36°), até o lago Llanquihue (lat. 41°), na nona região da Araucania, províncias de Cautín e Malleco. Nos tempos atuais, aproximadamente 40% dos Mapuche vivem na área metropolitana de Santiago. Outra parte da população se encontra na Argentina, nas províncias de Neuquén, Rio Negro, Chubut, Buenos Aires e La Pampa.

Na chegada dos colonizadores espanhóis, a língua mapuche era falada desde Coquimbo até a ilha de Chiloé (Valdivia, 1606) e, segundo Salas (1992b), até o final do século XIX ela era falada pela maioria da população indígena. Atualmente, além de seu idioma nativo, todos falam o castelhano. Os mais velhos e os jovens que vivem nas comunidades tradicionais falam predominantemente em mapuche. A língua é conhecida por seus falantes com o nome de *mapuḍungu*, *mapuḍungun* ou simplesmente mapuche, de *mapu* “terra” e *ḍungun* “idéia, língua, palavra” (Smeets, p. 9).

Há diversas tentativas de classificação do mapuche no conjunto das línguas ameríndias. Por exemplo, Croese (1990) levanta a hipótese de uma possível relação de parentesco entre o mapuche e as línguas arawak. Contudo, não há evidências concretas sobre a classificação genética dessa língua. Ela tem sido estudada e documentada desde o século XVII, tanto pelos missionários do período colonial quanto por estudiosos atuais, destacando-se, sobretudo, os trabalhos de Adalberto Salas¹, Fernando Zúñiga, Ana Fernández Garay, Lucia Golluscio, entre outros. Não se pode deixar de mencionar o excelente trabalho: “Lingüística mapuche. Guía bibliográfica” de Adalberto Salas (1992a). Nele, o autor apresenta-nos uma revisão seletiva e crítica das publicações sobre a língua mapuche surgidas até a década de 1990.

No capítulo 3 dessa primeira parte, Ineke Smeets adverte que sua publicação não segue um modelo teórico específico, pois seu foco principal é colocar à disposição dos interessados os fatos da língua mapuche. Tendo em mente esse objetivo, a autora traça um breve panorama da fonética e fonologia e dos principais traços gramaticais do mapuche, temas tratados nos diferentes capítulos que constituem a Gramática mapuche.

¹ O lingüista Adalberto Salas, conhecedor e estudioso consagrado do mapuche e das línguas ameríndias, faleceu no ano de 2000.

A parte 2, Fonologia e morfofonologia, atinge os capítulos 4 até o 9. Nessa seção são apresentadas a descrição e distribuição dos fonemas e a estrutura fonológica das raízes, dos sufixos e das palavras. Os outros temas dizem respeito ao acento, à morfologia e aos empréstimos. Pelo contato com os falantes do castelhano, novos fonemas e combinações de fonemas foram introduzidos na fonologia da língua, verbos foram introduzidos freqüentemente na terceira pessoa do singular, e alguns nominais em sua forma pluralizada. Observam-se igualmente empréstimos provenientes do quechua.

Como fonemas da língua, são citados 19 consoantes e 6 vogais. As consoantes plosivas ocorrem nos pontos labial /b/, alvéolo-dental /t/, palatal /ch [č]/, retroflexa /tr [č̣]/ e velar /k/. As fricativas se dão nos pontos labial /f/, interdental /ð [θ]/, alveolar /s/, palatal /sh [š]/; os glides nos pontos labial /w/, palatal /y/, retroflexo /r [ɻ]/, velar /q [ɣ]/; nasais nos pontos labial /m/, alvéolo-dental /n/, palatal /ñ [ɲ]/, velar /ng [ŋ]/; laterais nos pontos interdental /l/ e palatal /ll [ʎ]/. Os fonemas que ocorrem somente nos empréstimos são as plosivas vozeadas /b/, /d/, /g/ e a fricativa não-vozeada /x/.

Os fonemas vocálicos são as anteriores /i, e/, as centrais /ü, a²/, e as posteriores /u, o/. Diversos exemplos mostram o contraste fonológico entre as vogais altas *i, u, ü* e seus correspondentes glides *y, w, q* [ɣ] (cf. 4.3, pp. 26-29). São apresentadas também as alternâncias de fonemas relacionados com as emoções dos falantes; esse processo afeta os segmentos *ð ~ sh, ð ~ s; ð ~ sh ~ s; ð ~ s ~ y; s ~ sh; sh ~ y; tr ~ t; t ~ ch; tr ~ ch; w ~ q; q ~ r; n ~ ñ*. Do mesmo modo, são verificadas variações livres entre as vogais: *e ~ i; e ~ ü; ü ~ i; ü ~ u; u ~ o*. Embora a autora use os termos de alternância e variação livre como se fossem processos diferentes, ambos os tipos de variação não afetam o significado das palavras.

A distribuição das consoantes e das vogais é considerada no domínio de raízes, sufixos e na fronteira de morfema. São descritas ocorrências de grupos consonantais constituídos por dois ou três segmentos. Grupo de três vogais ocorre em formas morfológicas complexas, geralmente em palavras formadas por uma raiz, seguida de afixos, como nos exemplos apresentados pela autora (p. 48):

(1)	iae	feypi-a-e-n	“você me dirá”
	eae	ye-a-e-n-ew	“ele me levará”
	üae	nü-a-e-n	“você me pegará”
	uae	elu-a-e-n	“você me dará”

Em relação à estrutura fonêmica de raízes, sufixos e palavras, Smeets afirma que a palavra em mapuche consiste de uma raiz ou de uma raiz mais um ou mais sufixos. Cada raiz se constitui de uma a três sílabas. É comum que uma raiz verbal receba até sete ou mais sufixos (p. 38). A formação de palavras compostas é um processo produtivo, formando-se compostos de duas ou três raízes; também raízes reduplicadas e raízes contendo elementos reduplicados ocorrem. A reduplicação se dá principalmente com as formas verbais. Nesse caso, as formas verbais reduplicadas contêm um elemento reduplicado e um tema formativo

² A representação da vogal /ü/ “vogal central alta não-arredondada” corresponde ao símbolo *i* do IPA.

constituído por um sufixo. A composição e a reduplicação são posteriormente tratadas nos capítulos 19 e 20, respectivamente.

Os processos fonológicos descritos relacionam-se com a inserção do segmento schwa em grupos de três consoantes e em grupo de duas consoantes em posição final de palavra; a inserção da glotal ʔ na ocorrência de vogais contíguas em raízes de composição nominal; a inserção de ñ em algumas palavras compostas, quando a primeira base termina em vogal e o segundo elemento da composição é o tema *püra-m* (*pura*-”subir”, -*m* “causativo”). Trata também da simplificação de consoantes idênticas em fala não-monitorada (casual *speech*), que em fala cuidadosa ocorrem como geminadas; a alternância de consoantes em verbos transitivos e intransitivos que são etimologicamente relacionados.

A parte 3, dedicada à morfologia e morfossintaxe do nome, compreende os capítulos do 10 ao 21. Nela são descritos os nomes, adjetivos, advérbios, numerais, demonstrativos e pronomes anafóricos; os pronomes pessoais, possessivos e interrogativos; os processos de sufixação, composição, reduplicação e verbalização.

Os nomes que são correferentes com um marcador de pessoa não recebem flexão. Sintaticamente têm a função de sujeito, objeto direto ou de sujeito dativo. Do mesmo modo, os nomes que recebem o sufixo instrumental -*mew* ~ -*mu* e sem correferência com um marcador de pessoa são tratados como objetos instrumentais. Contrariamente, os nomes que não são correferenciais com um marcador de pessoa nem flexionados pelo instrumental são tratados como complementos. O contraste entre nomes em função de objeto direto e de complemento é mostrado a partir de Smeets (p. 61):

- (2) a) leli-fi-n ñi ñuke
 watch-EDO-IND1s poss1s mother
 “I watch (her) my mother”³
- b) leli-n ñi ñuke
 watch-IND1s poss1s mother
 “I watch my mother”

Aproximadamente 22 nomes indicadores de tempo, locação ou quantidade podem ocorrer em posição de advérbios. Outros nomes derivados de advérbios e numerais são usados como indicadores de quantidade ou de tamanho. Nesses casos, o nome recebe o sufixo -*n*. Os nomes, pronomes, numerais e adjetivos podem ocorrer precedendo a posposição *püle* “lado, direção”; o sintagma nominal resultante é usado adverbialmente. De forma mais restrita, ocorre a preposição *pu* “locativo”. Ela precede obrigatoriamente um nome e aparece, sobretudo, na fala dos mais idosos (p. 71).

Os adjetivos são definidos sintaticamente como modificadores do nome. Eles não ocorrem como predicados nominais, mas servem como base para derivar um verbo, que terá a função de predicado. Os dados em (3) mostram o contraste mencionado pela autora (p. 70):

³ Por questões práticas mantenho as glosas e a tradução na própria língua inglesa.

- (3) a) küme wentru
good man
“good man”
- b) ti wentru küme - y
the man good - VERB-IND-3
“the man is good”

Uma lista de advérbios usados como modificadores do verbo, adjetivo e outro advérbio é apresentada nas páginas 73-77. Os itens definidos como advérbios precedem o elemento que modificam. Contudo, determinados advérbios como *küto* “ainda”, *munyel* “precisamente”, *reké* “semelhante”, *rumé* “sempre” seguem os elementos que modificam (p. 75).

O sistema numeral é de base nominal de 1 a 10, alguns números como *pataka* “cem” e *warangka* “mil” são empréstimos do quechua/aymara. Os números ocorrem como modificadores do nome e do verbo. Os números acima de dez se constroem pela seqüência de números, em que a seqüência mais baixa, que ocorre antes de um número mais alto, indica multiplicação. Mas, se o número mais alto preceder o número mais baixo, obtém-se uma adição, conforme mostram os exemplos (p. 79):

- (4) a) epu mari
two ten “twenty”
- b) mari epu
ten two “twelve”

Os capítulos de 14 a 17, da parte 3, são dedicados ao sistema pronominal. No primeiro grupo dos pronominais, são descritos os demonstrativos *tufa* “this”, *tüfey* ~ *tüfiy* “that” e *tüyé* “that over there”, *fey* “that”, que podem funcionar como demonstrativos e anafóricos. Por sua parte, os pronomes *ta* e *ti* funcionam apenas como anafóricos. Em palavras da autora, “[B]oth express the presupposition of the speaker that the referent of the pronoun can be identified by the hearer” (p. 86). Tanto *ta* como *ti*, ao funcionarem como modificadores, ocorrem precedendo o SN que modificam.

No grupo dos pronomes de pessoa são reconhecidas três pessoas e três números, a saber: 1sg, 1dl, 1pl, 2sg, 2dl, 2pl, 3sg, 3dl, 3pl. A marcação de número é obrigatória para primeira e segunda pessoas, e opcional para a terceira. Os pronomes possessivos referem-se a 1sg, 1pl, 2sg, 2dl, 2pl. Eles, ao funcionarem como modificadores, sempre precedem o sintagma nominal que modificam. Em alguns casos a adjacência entre os pronomes possessivos e seu núcleo pode ser truncada, ao se inserir um adjetivo ou um numeral (p. 105). Finalmente, a autora inclui uma lista dos pronomes interrogativos. Os interrogativos de argumento são: *iney* ~ *iniy* “quem?”, *chem* “que?”; os de não-argumentos são: *chew* “onde?”, *chumül* “quando?”, *chumal* “para que propósito?”, *chumngelu* “por que?”, *chumngechi* “como?”, *tuchi* ~ *chuchi* “qual?” *tünté* (n) ~ *chünté* (n) “quanto, quantos?”, *mufü* “quanto?”.

No capítulo 18 são descritos dois tipos de sufixos: 1) aqueles que não mudam a classe gramatical das bases e 2) sufixos que mudam a classe gramatical das bases. Os sufixos do primeiro grupo são *-(e)ntu* “grupo”, *-wen* “relativo”, *-em/yem* “ex”, *-(ü)rke* “reportativo”. Esses sufixos se somam aos nomes, enquanto *-ke* “distributivo” se junta a adjetivos, advérbios, numerais, e o marcador *-we* “temporal” se afixa só a bases numerais. Os sufixos que mudam a classe gramatical de sua base são o “adverbializador” *-tu* e o “adjetivizador” *-chi*. O sufixo *-tu* converte uma base nominal ou verbo-nominal em advérbio. O advérbio resultante indica maneira, lugar ou direção e tempo; já o sufixo *-chi* deriva um nome em adjetivo. Os sufixos verbalizadores são tratados no capítulo 21. Eles se somam às bases nomes, adjetivos, advérbios e numerais, para derivar verbos. Seis sufixos são listados, a saber: 1) *-Ø* e 2) *-nge*, *-tu*, *-(n)tu*, *-l*, *-ye*. Todos esses sufixos se posicionam imediatamente a suas bases correspondentes (pp. 121-128).

Os dois últimos tópicos da parte 3 dizem respeito à composição e à reduplicação. Em consonância com a autora, a composição, em mapuche, é um processo muito produtivo. As palavras compostas mais comuns são o resultado de duas bases nominais, em que o primeiro elemento atua como modificador de seu núcleo. Este ocorre como segundo elemento da composição. Um número restrito de compostos se dá pela combinação de outras bases, como adjetivo-nome, verbo-nome, determinante-nome (p. 118). Por sua parte, a reduplicação é tratada como não-produtiva. Ela se dá com partes do corpo, plantas e animais (pp. 119-120).

Os capítulos de 22 a 24, da parte 4 do livro, abarcam a descrição dos sintagmas nominais simples e complexos e das sentenças nominais. O sintagma nominal simples se constitui por um núcleo precedido por um modificador, adjetivo, numeral ou pronominal. A estrutura é fixa, isto é: modificador pronominal-numeral-adjetivo-nome. Um sintagma nominal complexo está constituído por mais de um nome. A relação que se dá entre esses nomes é de subordinação e de coordenação. A subordinação se estrutura por sintagmas possessivos, partitivos e genitivos. Uma coordenativa está constituída por construções comitativas. Nas construções possessivas, partitivas e genitivas, o núcleo nominal ocorre após seu dependente. Os sintagmas nominais comitativos e os coordenativos se constituem de dois ou mais sintagmas nominais. Nas coordenativas não existem morfemas conetivos, os elementos correspondentes ocorrem justapostos (pp. 138-141).

O último tema da parte 4 se refere às construções de sentenças com dois argumentos nominais. Esse tipo de construção se caracteriza por denotar a presença de uma entidade que é idêntica à outra. Dessa maneira, o segundo argumento da sentença nominal identifica o primeiro (pp. 143-145).

Na parte 5 encontram-se os capítulos de 25 a 31. O foco dessa seção são a morfologia e a morfossintaxe do verbo. A estrutura do verbo em mapuche, segundo Smeets, é dada por uma raiz seguida, opcionalmente, por um ou mais sufixos derivacionais e, pelo menos, por um sufixo flexional. Os sufixos flexionais relacionam-se com os marcadores de pessoa, número, nominalização flexional, tempo, modo, aspecto e negação. São citados aproximadamente cem sufixos verbais que seguem a ordem: (raiz) – modificadores de valência – aspecto – modificadores semânticos – valores de verdade – flexão. De acordo com a posição e suas funções respectivas, são reconhecidas 36 posições ou *slots* em que ocorrem esses afixos verbais. Os *slots* são matéria do capítulo 26. As bases verbais podem

estar constituídas apenas por uma raiz sem flexão, mas uma base complexa se forma por dois ou três temas verbais (p. 150). Os marcadores de pessoa indicam sujeito, objeto direto, sujeito dativo, além de dois sufixos: *-um* “2ª pessoa agente” e *-(u)w* “1ª pessoa agente”, que se relacionam com os paradigmas de agente-paciente. Nessa seção são citados cinco itens definidos como auxiliares: *pepí* “ser capaz de”, *kim* “saber como”, *küpa* “desejar”, *shingé* “mover-se”, *kalli* “permitir”, todos esses itens são bases que nunca recebem flexão e se situam imediatamente antes do verbo principal (p. 175).

Os *slots* se relacionam com as posições e funções dos sufixos verbais. São catalogados 36 *slots*, identificados por numerais em que o número 1 se refere ao último elemento da construção verbal e o número 36 se relaciona com o sufixo localizado imediatamente após a raiz verbal. As posições 1 a 15 correspondem restritamente aos sufixos flexionais. Nas posições 16 a 27 se localizam os sufixos derivacionais, alguns deles têm características flutuantes. Nas posições de 27 a 36 também ocorrem sufixos derivacionais que ocupam lugares fixos, exceto o sufixo *-(u)w* “reflexivo/recíproco”, que se caracteriza por ser flutuante (cf. pp. 290-292). Aparentemente, a mobilidade de alguns sufixos derivacionais nem sempre acarreta diferenças semânticas (p. 177). Cada *slot* pode incluir um ou mais morfemas, como mostram a descrição e os dados apresentados pela autora nas páginas 177-307.

No capítulo 27, Smeets descreve dois sufixos aos quais não foi atribuído *slot* algum: 1) *-püða* “denota um evento sem um objetivo ou propósito” e 2) *-püra* “indica que o agente realiza uma ação involuntariamente” (p. 309). A autora inclui também uma lista de nove sufixos considerados improdutivos.

Os sufixos nominalizadores, tópico do capítulo 28, são divididos em dois grupos: 1) sufixos produtivos, descritos de acordo com suas funções correspondentes, tais como *-fe* “denota as características do agente”, *-we* “denota as características do lugar ou do instrumento”, *-fal* “indica que o evento verbal pode ser realizado”; esse sufixo ocorre só com verbos transitivos, e *-(ü)nten* “denota que o evento verbal pode ser realizado rápido e facilmente”; 2) uma lista de oito sufixos definidos como improdutivos. Para esse conjunto apenas são apresentados exemplos, mas não há uma descrição de seu funcionamento.

Os verbos dêiticos e os verbos defectivos são temas dos capítulos 30 e 31 respectivamente. Os verbos dêiticos são derivados a partir das raízes *fa-* “começar ser semelhante como este” e *fe-* “começar ser semelhante como esse”. Essas bases sempre ocorrem com sufixos derivacionais. Os itens derivados mais frequentes são a partir de *fe-* (cf. p. 322). Por sua parte, os verbos defectivos não ocorrem sem um determinado sufixo. Ao serem usados como raízes verbais simples, os verbos de postura se combinam necessariamente com os marcadores de perfeito persistente *-künu* “PFPS”, de progressivo persistente *-nie* “PRPS” ou com o morfema estativo *-(kü)le* – “ST” (p. 325).

Na parte 6, capítulo 32, é descrita uma classe restrita de morfemas constituída pelas partículas. As partículas expressam a atitude do falante sobre o enunciado expresso, ocorrem junto aos sintagmas nominais e verbais em posição final de sentença, tanto em construções interrogativas quanto nas afirmativas. Pode ocorrer mais de uma partícula numa sentença. São citadas as seguintes partículas: 1) *chi* “dúvida”; 2) *am* “partícula usada em construções interrogativas para solicitar informação mais precisa”; em construções afirmativas essa partícula possui um significado casual “desde”; 3) *nga* “partícula usada para lembrar situações passadas”; 4) *kay* “usada para expressar uma

situação apresentada em contraste com outra prévia”; 5) *may* “empregada em perguntas com o objetivo de provocar uma resposta afirmativa”; 6) *llemay* “indica certeza por parte do falante”; 7) *chemay* “indica surpresa, assombro por parte do falante”; 8) *chekay* “indica desconhecimento por parte do falante”; 9) *anta* “indica que o tópico de uma pergunta é determinado contextualmente”; 10) *anchi* “indica que o tópico de uma pergunta é determinado situacionalmente”; 11) *chiam* “usada quando o falante levanta uma pergunta direcionada ao ouvinte, esperando que sua questão seja respondida”; 12) *kam* “ocorre em sentenças afirmativas e interrogativas; em construções interrogativas se usa para pedir maior precisão na informação, em construções afirmativas o significado é mais casual com a glosa “desde”; 13) *amá* “partícula usada para pedir confirmação do ouvinte sobre algo que o falante não lembra”; 14) *em* “essa partícula indica que o falante lamenta uma situação passada que não se realizou”; 15) *amfe* “usada apenas em exclamações”; 16) *ka ~ qa* “partícula usada para apresentar uma situação ou para expressar indignação ou cinismo”; 17) *ke* “é pouco freqüente, seu uso é para indicar uma situação que contrasta com outra ou que é contrária a uma determinada expectativa”.

Notas adicionais da sintaxe mapuche são apresentadas na parte 7, capítulos 33-35. Os temas relevantes são as ordens das palavras nas cláusulas principais e as construções de coordenação e subordinação. Uma sentença em mapuche pode incluir um único predicado (5a) ou um predicado precedido por um auxiliar (5b), como mostram os dados da autora (p. 347).

- (5) a) umaw-tu-la-n
sleep-VERB-NEG-IND1s
“I did not sleep”
- b) küpa umaw-tu-la-n
wishing sleep-VERB-NEG-IND1s
“I did not want to sleep”

A ordem das palavras em construções subordinadas não é diferente das principais. Assim, com verbo transitivo a ordem é agente-verbo-complemento-objeto direto. O SN sujeito de intransitivo segue o verbo⁴.

A coordenação e subordinação são exemplificadas com dados de construções coordenadas, condicionais e discurso direto. Uma cláusula condicional fica subordinada à cláusula principal e ocorre antes dela. O discurso direto pode ser introduzido por um verbo, ser fechado por um verbo, como também pode ocorrer sem eles ou ambos concorrerem (p. 360).

As partes 8 e 9 completam os dados do mapuche com a inclusão de 17 textos contendo narrativas, conversações e canções. Esse material inclui os cortes morfêmicos das palavras e suas glosas correspondentes. O dicionário mapuche-inglês toma como base os itens lexicais que aparecem na gramática e nos textos. No dicionário foram incluídos os

⁴ Complemento é um constituinte subordinado ao verbo e não tem a função de sujeito, objeto direto, sujeito dativo ou instrumento. Pode ser um SN, um advérbio ou um sintagma adverbial. Um SN complemento não leva flexão (p. 345).

empréstimos do castelhano, quechua e aymara. As entradas estão ordenadas com base no alfabeto mapuche, com as glosas em inglês e a categoria lexical das palavras.

Sem dúvida, o livro de Ineke Smeets se soma a uma vasta tradição de estudos descritivos da língua mapuche, que se inicia com a obra do jesuíta espanhol Luis de Valdivia (1606), a gramática clássica de Félix de Augusta (1903), em períodos atuais o acurado trabalho do desaparecido Adalberto Salas (1992b) e o excelente livro de Zúñiga (2006), entre outros. O objetivo principal da autora foi apresentar os fatos da língua mapuche, sem necessariamente prender-se a um determinado modelo teórico. É uma obra de grande valor para estudantes, professores e pesquisadores envolvidos diretamente com a língua mapuche. Contudo, uma crítica que se possa levantar diz respeito à organização formal das seções e dos capítulos. O texto poderia ter sido mais bem sistematizado. Da forma como está, a leitura torna-se, em alguns capítulos, cansativa, porque o conteúdo apresenta-se repetitivo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUGUSTA, Fray Félix José de. (1903) *Gramática araucana*. Valdivia: Imprenta Central J. Lampert.
- CROESE, Robert. (1990) Evidencias léxicas y gramaticales para una posible filiación del mapudungun con la familia arawak. In Rodolfo Cerró-Palomino; Gustavo Solís Fonseca (eds.). *Temas de lingüística amerindia*, pp. 275-290. Lima: CONCYTEC/GTZ.
- SALAS, Adalberto. (1992a) Lingüística mapuche. Guía bibliográfica. *Revista Andina* 10(2):473-537.
- _____. (1992b) *El mapuche o araucano. Fonología, gramática y antología de cuentos*. Madrid: Editorial MAPFRE América.
- VALDIVIA, Luis de. (1606) *Arte y gramatica general de la lengua que corre en todo el reyno de Chile, con vn vocabulario, y confessorario*. Lima: Francisco del Canto.
- ZÚÑIGA, Fernando. (2006) *Mapudungun. El habla mapuche*. Chile: Centro de Estudios Públicos.

Angel Corbera Mori
Departamento de Lingüística
IEL-UNICAMP.